

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Educação permanente e de adultos idosos: o programa de envelhecimento ativo da UFMG

Paula Guimarães, Carolina Carvalho

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14934>

Submetido em: 2026-02-16

Postado em: 2026-03-06 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Leoncio Soares (ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4750-2529>)

ARTIGO

EDUCAÇÃO PERMANENTE E DE ADULTOS IDOSOS: O PROGRAMA DE ENVEHECIMENTO ATIVO DA UFMG¹

PAULA GUIMARÃES¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2197-1004>

<pguimaraes@ie.ulisboa.pt>

CAROLINA CARVALHO¹

ORCID: : <https://orcid.org/0000-0003-1793-2288>

<cfcarvalho@ie.ulisboa.pt>

¹ UIDEF, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Portugal.

RESUMO: A educação de adultos idosos tem merecido crescente atenção, num momento em que muitos países enfrentam processos de envelhecimento demográfico. Em muitos desses países os projetos desenvolvidos, de educação permanente, permitem o acesso à educação de adultos idosos e a promoção do envelhecimento ativo. Um desses países é o Brasil que possui diversas instituições de ensino superior que, através de projetos de extensão universitária, promovem atividades diversas. Neste artigo analisa-se um programa de educação permanente, não formal, que envolve adultos idosos no quadro de um projeto de extensão universitária já com alguma tradição, uma iniciativa de educação intergeracional e envelhecimento ativo que procura responder a necessidades da população de Belo Horizonte. Discorre-se sobre o design e impacto do projeto no âmbito da promoção da educação permanente e intergeracional, assim como sobre os desafios enfrentados.

Palavras-chave: educação de adultos idosos, educação permanente, envelhecimento ativo, extensão universitária.

LIFELONG EDUCATION AND EDUCATION AND LEARNING OF OLDER ADULTS: THE ACTIVE AGING PROGRAM AT UFMG

ABSTRACT: Older adult education has received increasing attention at a time when many countries are facing demographic ageing processes. In many of these countries, lifelong education projects enable access to education for older adults and the promotion of active ageing. One such country is Brazil, which has several higher education institutions that, through university extension projects, promote a variety of activities. This article analyses a non-formal lifelong education program that involves older adults within the framework of a university extension project that already has some tradition, an intergenerational education and active ageing initiative that seeks to respond to the needs of the population of Belo Horizonte. It discusses the design and impact of the project in terms of promoting lifelong and intergenerational education, as well as the challenges faced.

Keywords: education and learning of older adults, lifelong education, active ageing, university extension

¹ Este artigo foi financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, IP, no âmbito da UIDEF — Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação, UIDB/04107/2020, <https://doi.org/10.54499/UIDB/04107/2020>.

EDUCACIÓN PERMANENTE Y EDUCACIÓN Y APRENDIZAJE DE PERSONAS MAYORES: EL PROGRAMA DE ENVEJECIMIENTO ACTIVO DE LA UFMG

RESUMEN: La educación de personas mayores ha recibido una atención creciente en un momento en que muchos países se enfrentan a procesos de envejecimiento demográfico. En muchos de estos países, los proyectos de educación permanente permiten el acceso a la educación de personas mayores y la promoción del envejecimiento activo. Uno de estos países es Brasil, que cuenta con varias instituciones de educación superior que, a través de proyectos de extensión universitaria, promueven diversas actividades. En este artículo se analiza un programa de educación permanente no formal que involucra personas mayores en el marco de un proyecto de extensión universitaria ya con cierta tradición, una iniciativa de educación intergeneracional y de envejecimiento activo que busca responder a las necesidades de la población de Belo Horizonte. Se reflexiona sobre el diseño y el impacto del proyecto en el ámbito de la promoción de la educación permanente e intergeneracional, así como sobre los desafíos afrontados.

Palabras clave: educación y aprendizaje de personas mayores, educación permanente, envejecimiento activo, extensión universitaria.

INTRODUÇÃO

Diversos autores têm mostrado que a educação de adultos, em particular de pessoas idosas, adquiriu um destaque crescente nas práticas educativas (Cordeiro, 2011; Cavaco, 2012), nas políticas de envelhecimento ativo, sobretudo no caso de organizações internacionais, como a UNESCO (2021), a European Association for the Education of Adults (EAEA, 2025) e a Comissão Europeia (2018)², e na investigação académica (Formosa, 2014). Estes estudos têm mostrado que, tanto nas práticas educativas, como nas políticas de muitos países regista-se uma tendência para, paulatinamente, deixar de considerar que envelhecer se limita a um tempo específico, associado a uma idade cronológica. Assim, envelhecer faz parte de um processo contínuo, no qual a educação, nomeadamente de adultos, tem uma presença importante, resultado de conquistas sociais e de desenvolvimentos no domínio da saúde dessas sociedades, nas quais os progressos económicos não são alheios (Nunes, 2017). No quotidiano de muitas pessoas, os conceitos de educação, saúde e estilo de vida ativo fazem parte dos seus comportamentos e atitudes diárias. Consequentemente, essas sociedades tendem a criar oportunidades educativas para todos, tornando-se mais inclusivas, nas quais a idade cronológica deixa para trás ideias de segregação de uma parte dos cidadãos, nomeadamente dos adultos mais idosos.

As mudanças na concepção sobre o envelhecer surgem na sequência do conceito de envelhecimento ativo proclamado pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015), organização esta apostada em consolidar um modelo multidimensional de envelhecimento que inclui dimensões diversas (ligadas à saúde, de carácter socioeconómico, psicológico, cultural, educacional e ambiental) (Foster & Walker, 2014). De facto, desde finais do século XX que se passou a considerar o conceito *envelhecimento ativo* como essencial às orientações internacionais e nacionais sobre envelhecimento. Se nalguns casos envelhecimento ativo significa manter-se no mercado de trabalho, garantindo a produtividade e deslocando do Estado para o indivíduo a responsabilidade de bem envelhecer (Lassen; Moreira, 2014; Ribeiro, 2012; União Europeia, 2018), noutras assiste-se à criação e à promoção de oportunidades

² No caso do Active Ageing Index in <https://composite-indicators.jrc.ec.europa.eu/explorer/indices/aai/active-ageing-index>

educativas e de bem-estar dirigidas às pessoas idosas, de modo a que continuem a participar ativamente na sociedade, na educação e na cultura (Anica; Sousa, 2020).

O envelhecimento individual de cada pessoa é condicionado por factores biopsicosociológicos intrínsecos a cada história de vida e que cada um deles, isolada ou em articulação, podem interferir com a forma como cada um envelhece e se educa. Envelhecer, de forma a manter um corpo saudável e uma mente sã, é uma estratégia pessoal. Mas não deixa igualmente de ser o resultado de processos coletivos e sociais. Por isso, temos assistido à promoção de um novo entendimento do envelhecimento e das pessoas idosas, no qual a educação, nomeadamente a educação não formal permanente (Maio; Lolli, 2015; Melo et al., 2021), ganha relevância.

Paralelamente surgem novos espaços de diálogo e solidadriedade entre gerações dirigidos aos adultos mais velhos (Fernández-Ballesteros *et al*, 2021). Esta mudança acontece quando se regista uma alteração no modo como as sociedades representam as pessoas idosas, abandonando representações desses adultos como desatualizados, incompetentes, doentes ou frágeis. Estas representações, associadas às desigualdades sociais, ao idadismo e à exclusão social que muitos idosos sofrem, contaminam muitas das interações sociais entre os diferentes grupos sociais e funcionam como profecias autorealizadas (Katz; Calasanti, 2014).

É frequente ouvirmos em contextos variados que as pessoas idosas possuem estas características. Começa-se a constuir ideias, a tomar decisões e a agir de acordo com essas crenças. Em breve, muitas delas, acabam por se tornar realidades autorealizadas, naturalizando-se essas ideias e passando a fazer parte do senso comum e do nosso quotidiano. Esta autorrealização de profecias pode originar crenças idadistas, tendendo muitas a estar associadas a atitudes e comportamentos discriminatórios, que persistem e disseminam-se entre grupos sociais com consequências no quotidiano das pessoas mais velhas, mas também nas mais novas. Terminar com atitudes e preconceitos idadistas, menos positivos, acontece quando se estabelecem ou (re)inventam laços geracionais onde a partilha de práticas acontecem, como nas universidades da terceira idade ou projetos educativos que incluem os adultos idosos (Cabeceira et al., 2020).

Na literatura encontramos autores que referem como a educação e a solidariedade intergeracionais possibilitam a manutenção de um envelhecimento saudável e ativo (Szekely, 2017; Anica & Sousa, 2020). Diversos autores consideram mesmo que a oferta de atividades educacionais para idosos e entre idosos e outros grupos etários é uma forma de aproximação das gerações e de desenvolvimento de comunidades mais solidárias (Villas-Boas et al, 2015; Fischer, 2008). Parece então que um aumento da longevidade precisa de estar alinhado com a qualidade vida no processo de envelhecimento, mesmo sabendo que esta qualidade não é homogênea em todos os contextos de vida. Por isso, torna-se necessário continuar a desenvolver políticas transversais e estratégias promotoras de um envelhecimento ativo e saudável, pensando que os desafios que se colocam serão oportunidades para que as pessoas vivam de forma saudável e autónoma o maior período de tempo possível (Nunes, 2017).

Simultaneamente, a participação em espaços educativos nesta etapa da vida pode ser a oportunidade de concretizar expetativas que, por circunstâncias pessoais diversas, não tiveram condições para se realizar e que encontram no momento da reforma ou de tempo não ativo, em termos profissionais, momentos e condições para que isso aconteça. De igual forma, nestes espaços acontecem novas aprendizagens que propiciam benefícios para o funcionamento cognitivo, social e emocional, traduzidos no desenvolvimento de competências diversas e na retoma de papéis sociais, bem como fomentam

relacionamentos intra e intergeracionais com impacto no bem-estar das populações (Foster; Walker, 2015) e nas necessárias mudanças de concepções idadistas.

A educação de adultos não formal é hoje tida como uma das estratégias para a promoção de um envelhecimento ativo, permitindo a aquisição de novos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades diversas, o desenvolvimento de sociabilidades em contextos que podem ser intergeracionais, favorecendo por essa via o bem-estar individual. Estas atividades, associadas a projetos que se dirigem a idosos (opor exemplo, no contexto de universidades da terceira idade, também designadas de universidades séniores) ganharam nos programas de extensão universitária um maior espaço. O envelhecimento ativo, a educação não formal de adultos e os programas de extensão universitária articulam-se hoje como três pilares de uma única estratégia: promover a saúde, a participação, a educação permanente e a cidadania das pessoas idosas dentro e em torno da universidade. A extensão universitária surge então como uma “ponte” entre a universidade e a comunidade local, oferecendo ações educativas não formais (cursos, oficinas, programas intergeracionais) que concretizam o envelhecimento ativo em territórios diversos (Costa; Dias, 2025).

No Brasil, as universidades têm desenvolvido várias iniciativas educativas de carácter não formal dirigidas aos adultos idosos, no âmbito da extensão universitária³. Esta situação decorre da não existência de políticas públicas de educação de adultos que incluam as ações dirigidas a pessoas mais velhas (Barros et al., 2021). Como parte do serviço das universidades à sociedade, estes programas envolvem diversas atividades e acompanham os interesses sociais, económicos, políticos, culturais e cívicos das comunidades locais e regionais nas quais as instituições de ensino superior se inserem. Permitem que estas entidades se tornem intervenientes ativas em termos educativos, ampliando o seu papel no âmbito do ensino e da intervenção social (Deus, 2020). Muitos destes programas de extensão estabelecem ligações entre as comunidades locais e outras organizações públicas, civis e privadas, dirigindo-se a diferentes faixas etárias, incluindo os adultos idosos (Maio; Lolli, 2015). Nesta linha de pensamento, este artigo analisa o Programa de Envelhecimento Ativo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no âmbito das iniciativas de educação não formal de extensão universitária. Durante estas últimas três décadas, o programa vem sendo um exemplo de atividades de educação não formal permanente e de envelhecimento ativo de pessoas idosas.

PROGRAMAS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

A investigação em educação (e especificamente na educação de adultos) tem utilizado frequentemente a tipologia tripartida de modalidades de educação formal, não formal e informal de Coombs (1970). A educação não formal é definida por “qualquer actividade educativa organizada e sistémica, realizada fora do quadro do sistema formal [...] que se destina a servir sujeitos diversos e

³ Destacam-se neste âmbito o caso apresentado neste artigo, assim como o Instituto de Longevidade da Universidade de São Paulo. Em Portugal, o Programa de Extensão Universitária e Cultural da Universidade Aberta pode ser indicado como um exemplo significativo. Para mais informações, consultar <https://institutodelongevidade.org/longevidade-e-trabalho/oportunidades/programa-usp-60> e <https://formacao.uab.pt/curso/peuc-viver-com-vitalidade/>. No caso do Brasil, para mais informações, consultar Costa e Dias (2025).

A Universidade de Lisboa oferece diversas possibilidades como o Programa de Formação Universitária para maiores de 50 anos, ou os Percursos enraizados nas áreas do saber cultivadas por diferentes escolas da ULisboa. Para mais informações consultar <https://m50.ulisboa.pt/>

objectivos de aprendizagem identificáveis⁴ (Coombs; Ahmed, 1974, p. 8). Embora inclua uma vasta gama de actividades, a educação não formal tem sido central para o desenvolvimento da educação de adultos e da educação permanente, em específico no caso de projectos levados a cabo no âmbito de programas de extensão de instituições de ensino superior.

A educação permanente foi um conceito promovido nas décadas de 1960 e 1970 para identificar ações educativas e de aprendizagem que se prolongam ao longo da vida dos sujeitos, com a finalidade de promover dimensões de desenvolvimento individual e social, económicas e políticas (de cidadania e participação social) (Biesta, 2006). São ações que podem ocorrer em contextos muito diversos, envolvendo objetivos diversificados e participantes marcados pela heterogeneidade (Melo et al., 2021).

Os programas de extensão de instituições de ensino superior incluem conjuntos de atividades conduzidas por universidades (e outras instituições de ensino superior) com o propósito de estender a educação / o ensino, a pesquisa e outros serviços a uma população que está para lá dos estudantes matriculados (os estudantes tradicionais), como, por exemplo, adultos idosos. Portanto, os programas de extensão dirigem-se a adultos que são tidos como estudantes não tradicionais, não matriculados em tempo integral em programas regulares de graduação (Costa; Dias, 2025). São assim programas de educação permanente que visam, entre outros objetivos, promover a educação e a aprendizagem, em iniciativas de intervenção social que procuram o envolvimento das comunidades locais, através de atividades não certificadas. Por se apresentarem como programas dirigidos à comunidade local mais ampla, incorporam a responsabilidade social das instituições de ensino superior com os territórios nos quais se inserem.

No Brasil, os programas de extensão são parte legal e institucionalizada da missão da universidade. Os programas de extensão promovem o envolvimento comunitário e o desenvolvimento local, ligando as instituições de ensino superior aos problemas das comunidades locais. Além disso, esses programas podem contribuir para a formação não só de adultos idosos, como também de alunos inscritos nas ofertas de graduação (Costa; Dias, 2025).

Apesar do interesse destes programas, diversos desafios se levantam às instituições de ensino superior. O financiamento é um deles e pode ser concedido pelas próprias instituições de ensino superior, por outras instituições ou mesmo indivíduos que participam nas atividades. Muitas vezes insuficiente, é frequentemente um problema apesar dos esforços de diversificação de fontes.

A certificação daqueles que frequentam projetos e programas surge como um outro desafio. As instituições de ensino superior oferecem em geral cursos sem certificação, muitas vezes de curta duração. Enfatizam o envolvimento da comunidade, a divulgação e a transferência de conhecimento, ampliando os recursos e conhecimentos existentes para além dos estudantes tradicionais (Costa; Dias, 2025). Em suma, promovem a educação permanente (Melo et al., 2021).

BRASIL: POLÍTICA NACIONAL, INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E A AUSÊNCIA DE UMA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO PERMANENTE

Com uma população atual de aproximadamente 215.466.433 habitantes (Agência IBGE, 2022), o Brasil é o país mais populoso da América do Sul e da América Latina. Visto como um *país jovem*

⁴ Tradução das autoras deste trabalho.

(Garrido; Menezes, 2002), a população brasileira está a envelhecer, observando-se um aumento na esperança de vida dos cidadãos brasileiros, mas também uma diminuição nas taxas de fertilidade. Atualmente, os adultos com 60 ou mais anos representam cerca de 14% da população (LDEP, 2020). Mas prevê-se que o grupo etário de 65 anos ou mais triplique até 2050, altura em que o Brasil poderá ter a quarta maior população idosa do mundo, ficando atrás apenas da China, da Índia e dos Estados Unidos (AARP, 2019).

Apesar do envelhecimento da população, o Brasil continua a ser considerado um *país jovem*, o que poderá ajudar a explicar por que motivo a educação de adultos idosos não tem recebido a devida atenção nas políticas nacionais (Garrido; Menezes, 2002). Esta falta de atenção tem consequências para a população idosa — por exemplo, as baixas taxas de alfabetização entre os adultos com mais de 60 anos. Em 2018, os adultos com 60 ou mais anos tinham uma probabilidade três vezes maior de serem analfabetos (19,3%), sobretudo entre as mulheres idosas e os residentes do interior do Brasil (Agência IBGE, 2018). Porém, o Brasil não possui uma política de educação permanente. As políticas nacionais concentram-se sobretudo na promoção da educação formal e escolar de adultos. Adicionalmente, a política pública nacional de educação de jovens e adultos ignora as necessidades das pessoas idosas (Barros et al., 2021). As desigualdades entre diferentes grupos sociais relacionadas com o desenvolvimento de políticas públicas continuam a ser uma preocupação de muitos, nomeadamente de académicos e políticos (Rios-Neto; Guimarães, 2010).

Paralelamente, o financiamento público destinado à educação e alfabetização de adultos tem sido escasso, evidenciando o caráter marginal deste setor no sistema educativo brasileiro (Haddad; Di Pierro, 2015). Por exemplo, iniciativas como o Programa Brasil Alfabetizado e o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) foram implementadas no início dos anos 2000. No entanto, apesar do sucesso conseguido em termos de acesso e participação, as necessidades educativas das pessoas idosas não foram explicitamente destacadas nesses programas. A mesma tendência pode ser observada no ensino superior, onde os idosos estão quase ausentes devido à falta de políticas educativas focadas neste grupo (Oliveira et al., 2016). O Brasil tem experimentado uma expansão significativa do acesso ao ensino superior, embora sejam sobretudo os jovens a impulsionar esta tendência. Por esta razão, em 2023, apenas 30.692 estudantes do ensino superior eram idosos (num total de 9.977.217 estudantes inscritos), a maioria com estudos formais concluídos anteriormente⁵.

De notar que o Estatuto da pessoa idosa ou o Estatuto de Idoso⁶ faz referência à importância da educação de adultos idosos³ e à oferta de cursos ministrados pelo ensino superior, formais e não formais, presenciais ou a distância, bem como de programas de extensão. Consequentemente, muitas universidades no Brasil criaram universidades da terceira idade (Cachioni, 2012; Maio; Lolli, 2015; Farinelli & Soares, 2020), refletindo um interesse crescente das instituições de ensino superior em responder aos problemas das pessoas idosas e às suas necessidades de educação permanente (Costa & Dias, 2025; Martins; Gonçalves, 2018; Carbonari; Pereira, 2007).

NOTAS METODOLÓGICAS

⁵ In <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/enem/quase-10-mil-pessoas-com-mais-de-60-anos-estao-fazendo-o-enem>

⁶ Lei n° 10.741/2003.

Este artigo resulta de um estudo solicitado pela UNESCO sobre a relação entre aprendizagem ao longo da vida e instituições de ensino superior⁷ a uma das autoras deste trabalho. A pergunta de investigação deste estudo à qual este artigo também pretende responder foi a seguinte:

- como é que as universidades de diversos países, neste caso o Brasil e a UFMG, procuram responder às necessidades de educação permanente dos adultos idosos no quadro de atividades de extensão universitária?

O método de investigação foi o estudo de caso (Yin, 2018). Para o Brasil, o Programa de Envelhecimento Ativo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi o caso selecionado. A seleção do caso analisado seguiu os seguintes critérios: o reconhecimento social do qual o programa gozava⁸, a longevidade e as atividades de educação não formal e de educação permanente que integrava.

As técnicas de recolha de dados incluíram a análise documental (de documentos internos disponibilizados pelos entrevistados ligados à UFMG e do *website* da instituição⁹); e a entrevista. Foram realizadas três entrevistas, uma a um dirigente da UFMG (entrevistado 1) e duas a coordenadores do programa em análise que são igualmente professores nessa instituição de ensino superior (entrevistado 2 e entrevistado 3).

A técnica de interpretação dos dados recolhidos foi a análise de conteúdo (Bardin, 2016), a partir das seguintes categorias dedutivas: *educação de adultos idosos (na UFMG); design e impacto: a promoção da educação permanente e intergeracional; desafios*.

Este estudo obteve a aprovação do Comité de Ética do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, segundo as regras estabelecidas por esta entidade, bem como seguiu as normas existentes relativas ao consentimento informado e anonimato dos inquiridos, assim como à privacidade e à boa preservação dos dados empíricos recolhidos na instituição indicada.

ANÁLISE DE DADOS

Sobre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Fundada em 1927, a UFMG é a maior universidade federal do Brasil. Está localizada em quatro *campi*, onde se distribuem 20 faculdades. Dados de 2021¹⁰ indicam que 34.482 estudantes estavam matriculados em cursos de licenciatura e 10.556 frequentavam programas de mestrado e doutoramento. A UFMG conta com 3.202 membros do corpo docente e 4.246 funcionários técnicos e administrativos. Em 2021, realizaram-se 3.997 atividades de extensão, que envolveram aproximadamente 1,4 milhões de pessoas (Universidade Federal de Minas Gerais, 2022).

Considerando os dados recolhidos através da entrevista, de acordo com o entrevistado 1, a educação de adultos idosos “não é uma das áreas mais desenvolvidas na UFMG”. A consulta do *website* da UFMG permite concluir que são sobretudo jovens que frequentam esta universidade e que a

⁷ O estudo da UNESCO intitulou-se *Universities Addressing the Learning Needs of Ageing Societies* e foi desenvolvido em diversos países nos quais foram selecionados programas de educação não formal de envelhecimento ativo no seio de instituições de ensino superior. No caso do Brasil, a UFMG foi a selecionada.

⁸ Veja-se o ocaso das reportagens e vídeos que o programa possui em <https://envelhecimentoativoufmg.com.br/reportagens>

⁹ Estes documentos incluíram listagens de atividades fornecidas pela UFMG. Outras informações constavam do *website* da UFMG in <http://envelhecimentoativoufmg.com.br>.

¹⁰ In Diretoria da Avaliação Institucional <https://www.ufmg.br/dai/noticia/ufmg-em-numeros/>

universidade não oferece orientação acadêmica ou profissional para pessoas idosas, nem disponibiliza cursos com créditos ou de grau acadêmico especificamente para este grupo. No entanto, os adultos mais velhos podem beneficiar de apoios sociais e benefícios de bem-estar a que os estudantes regulares também têm acesso, como no caso do Programa de Envelhecimento Ativo.

Por esta razão, o entrevistado 1 destacou também que, em geral, as instituições de ensino superior respondem parcialmente a algumas das necessidades e desafios enfrentados pelos adultos idosos, mas não os abordam de forma sistemática. Apesar disso, a UFMG é uma das poucas instituições de ensino superior brasileiras com mais de três décadas de experiência no desenvolvimento de iniciativas para idosos. De resto, a análise dos documentos internos disponibilizados revelou que esta universidade tem desenvolvido programas dirigidos aos adultos idosos através de iniciativas promovidas por diferentes faculdades (como as Faculdades de Medicina, Odontologia, Escola de Música e Instituto de Ciências Agrárias). Estas iniciativas abrangem várias temáticas, tais como a saúde física e mental, e variam na sua implementação: alguns são eventos autônomos, enquanto outros consistem em cursos, projetos (integrando vários tipos de atividades) ou programas (compostos por vários projetos). Além disso, a UFMG oferece atendimento psicológico aos idosos para melhorar a saúde e o bem-estar. Procura ainda apoiar os idosos na prevenção da depressão e de outros problemas psicológicos. Em linha com as directrizes da OMS (2015), estas iniciativas também abordam o isolamento e a exclusão social dos idosos.

Educação de adultos idosos na UFMG

De acordo com os entrevistados 2 e 3 e com a informação disponível no *website*¹¹ da UFMG, o Programa Envelhecimento Ativo foi iniciado em 1995 como um projeto de extensão universitária, desenvolvido na área urbana de Belo Horizonte, numa zona de residência da classe média, no Bairro Providência, próximo do *campus* da Pampulha da UFMG. Um ano depois, o projeto foi transferido para o *campus* universitário de modo a beneficiar das instalações da universidade e ampliar as atividades e a aumentar a participação. Mais tarde, foi inaugurado formalmente como projeto de Educação Física para a Terceira Idade, dirigido a pessoas com mais de 60 anos, para “proporcionar atividades de exercícios físicos a idosos com deficiências decorrentes do sedentarismo”, segundo o entrevistado 2.

O entrevistado 2 também referiu que, em 2003, o projeto passou a fazer parte do Programa de Promoção da Autonomia e Independência do Idoso Comunitário da Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Dessa forma, este projeto de extensão passou a estar ligado a atividades de educação formais, permitindo que estudantes universitários tradicionais da faculdade pudessem realizar estágios no programa.

Ainda a partir de 2013, o projeto Educação Física para a Terceira Idade estabeleceu uma ligação ainda maior com um outro programa já existente na UFMG: o Programa de Atividade Física e Saúde do Idoso. Como resultado, o programa em análise passou a oferecer exercícios físicos e atividades de bem-estar, como atividades aquáticas e de dança. Devido ao número crescente de adultos idosos inscritos, alguns participantes mais velhos foram convidados a liderar algumas destas atividades como voluntários. Em 2023, os voluntários idosos representavam cerca de 20% de todos os líderes de atividades e têm sido essenciais para o desenvolvimento do programa. Além disso, o coordenador do programa,

¹¹ In <https://envelhecimentoativoufmg.com.br/historia-do-programa>

estudantes e voluntários idosos reúnem-se regularmente para discutir novas iniciativas e o seu desenvolvimento organizacional, pedagógico e didático. Estas reuniões demonstram a relevância do voluntariado nestas iniciativas de envelhecimento ativo e a importância da partilha de aprendizagens e experiências de vida (Formosa, 2017).

Desde 2017, o aumento da participação resultou do alargamento da faixa etária dos participantes, desde então com idades a partir dos 45 anos. Em 2023, segundo os dados contidos em documentos internos partilhados, os participantes entre os 45 e os 60 anos representavam cerca de um terço do total de participantes. O entrevistado 2 insistiu que a redução da idade de inscrição “respondeu aos pedidos feitos pelos participantes: misturar as pessoas e aumentar o diálogo e a partilha de ideias e conhecimentos sobre a vida em geral”, tendo o programa posteriormente recebido a designação de Programa Envelhecimento Ativo.

Ainda a partir de 2018, o programa passou a incluir cinco projetos que oferecem uma ampla gama de atividades: 1) Educação Física para a Terceira Idade; 2) Atividades Aquáticas; 3) Exercício multifuncional; 4) Dança e Qualidade de Vida; e 5) Serviço de Apoio Psicológico¹². De acordo com o entrevistado 2, 1.000 participantes juntaram-se a aproximadamente 48 grupos de atividades nos cinco projetos antes da pandemia. No entanto, de 2020 a meados de 2022, o programa reduziu os seus projetos e atividades devido à pandemia e, em vez disso, realizou atividades *online*. Então, apenas 170 participantes juntaram-se a 13 grupos de atividades. Depois de agosto de 2022, os responsáveis pelo programa procuraram a redução das atividades *online*, visando o aumento dos encontros presenciais. Como resultado, o programa regressou progressivamente ao funcionamento que lhe era característico antes da pandemia.

Segundo o entrevistado 3, mais de dois terços dos participantes no programa são mulheres, seguindo tendências noutros países com programas de educação de adultos idosos (Formosa, 2017). Além disso, mesmo que a maioria dos participantes sejam idosos “robustos”, i. e. saudáveis e autónomos, como afirmou o entrevistado 2, o programa acolhe idosos com restrições de mobilidade. Para tal, foi decisiva a reconstrução de espaços existentes, tornando-os mais amigáveis a pessoas com dificuldades de mobilidade, ou a utilização de equipamentos que permitem aos participantes entrar nas piscinas sem problemas. Um outro exemplo é a instalação de rampas e corrimãos junto a muitas salas usadas pelo programa. Além disso, o programa atrai pessoas de diferentes grupos sociais, a maioria de Belo Horizonte. De resto, durante a pandemia, participantes de outros estados brasileiros (como do Rio Grande do Sul) e até do exterior (Colômbia) aderiram *online* às atividades em desenvolvimento.

Design e impacto: a promoção da educação permanente e intergeracional

As atividades desenvolvidas no programa relacionam-se com a Estratégia Global da OMS e o quadro sobre Envelhecimento e Saúde (OMS, 2015). Consistem em atividades educativas não formais (Coombs; Ahmed, 1974), contemplando também exercício físico, desportos aquáticos, dança, atividades recreativas e de lazer, como visitas culturais, participação em sessões de cinema e outros eventos culturais. Além disso, aos participantes mais velhos são oferecidas sessões de inclusão digital sobre a utilização do telemóvel e das redes sociais¹³.

¹² Para mais informações, consultar <https://envelhecimentoativoufmg.com.br/historia-do-programa>

¹³ Como no caso descrito em <https://envelhecimentoativoufmg.com.br/celular>

Os benefícios de programas como este em estudo são diversos e destacados pela literatura (Narushima et al., 2013). Os participantes desfrutam de maior autonomia física e mantêm-se saudáveis. Revelam maior confiança nas atividades cotidianas e sentem-se em forma. Tornam-se mais conscientes dos benefícios de comer determinados alimentos e aprendem a cozinhar. Os benefícios educativos e sociais tornaram-se importantes à medida que os participantes mais velhos se encontram com outros mais jovens e aprendem através do diálogo e da partilha de experiências. Os encontros permitem que os participantes partilhem ideias, histórias de vida e interesses, aumentando a motivação dos adultos idosos. Formosa (2017) observa que os participantes de tais iniciativas também percebem a importância da partilha de conhecimentos, com outras pessoas, na promoção do bem-estar. O programa também incentiva a troca de ideias nas atividades educativas e culturais, como visitas culturais que podem incluir pessoas mais jovens, por ex. os familiares dos participantes. Na verdade, o programa “não é apenas para pessoas idosas” e visa superar fossos geracionais, de acordo com o entrevistado 3. Desta forma superam-se de forma natural concepções idadistas associadas à idade (Katz; Calasanti, 2014; Cabeleira et al., 2020).

Em paralelo, o programa liga a educação não formal e a educação formal, através dos estágios de estudantes tradicionais da UFMG, estágios estes integrados nos currículos dos cursos que frequentam, como no caso dos estudantes do curso de Educação Física. Os estágios visam a aprendizagem pela experiência. Através do “aprender fazendo”, os estudantes podem desenvolver conhecimentos práticos relacionados com a teoria que abordam nos cursos que frequentam. Reuniões regulares com os líderes de atividades que integram o programa (outros estudantes e voluntários, nomeadamente adultos idosos) e o coordenador do programa enfatizam a ligação entre a teoria e *práxis* (Freire, 1987). Em paralelo, o Programa Envelhecimento Ativo tem proporcionado também possibilidades de investigação a estudantes matriculados em diversas pós-graduações da UFMG¹⁴. Assim, o Programa em análise não é apenas considerado um espaço de estágio e de ensino, mas também um *locus* de desenvolvimento de investigação em educação física, saúde e bem-estar.

Esta combinação da educação formal e não formal reforça o carácter intergeracional do programa. A aprendizagem intergeracional inclui a aprendizagem relacional, envolvendo múltiplas gerações (Mannion, 2016). Pode por isso promover novas dinâmicas nos grupos sociais e aprofundar as relações sociais com a comunidade local (McNulty, 2020). O envolvimento de estudantes universitários tradicionais como líderes de atividades permite o apoio mútuo entre diferentes gerações, de modo a que os estudantes, mais jovens, enfrentem os desafios com os participantes mais velhos e sejam receptivos a sugestões para o desenvolvimento de novas atividades intergeracionais. O Programa de Envelhecimento Ativo segue por isso a abordagem da gerontologia social, criando um espaço educativo coeso de aprendizagem, desafiando a segregação etária (Hooyma; Kiyak, 2008). O programa enfatiza também as dimensões individuais e sociais da aprendizagem, expressas através da valorização das dimensões positivas do envelhecimento e dos papéis sociais que os participantes idosos assumem (Bengston, et al., 1997; Broissoie, 2018).

Desafios

Apesar de apresentar diversos pontos fortes, o programa enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito ao financiamento, tal como acontece noutros casos (Carbonari; Pereira, 2007). Esta

¹⁴ Para mais informações, consulte-se <https://envelhecimentoativoufm.com.br/pesquisas-e-trabalhos-academicos>

circunstância deve-se ao facto de nem a UFMG, nem a secretaria estadual, a secretaria estadual-federal, nem tão pouco a prefeitura de Belo Horizonte, financiarem diretamente o programa. Assim, o programa recruta estudantes, professores da UFMG, bem como adultos idosos que, voluntariamente, lideram as atividades que o programa integra¹⁵. O pessoal administrativo também não é remunerado. Além disso, muitos estudantes em estágio tornaram-se líderes de atividades, não sendo remunerados. São voluntários, sendo esta intervenção parte da sua formação académica. Alguns recebem uma bolsa da universidade – os “estudantes bolsistas¹⁶”. Todavia, o número de bolsas é residual. Por isso, o financiamento através das bolsas não garante a sustentabilidade das atividades.

Existe uma taxa de matrícula, considerada uma “taxa simbólica” (segundo os entrevistados 2 e 3), que é cobrada aos participantes. Esta taxa é paga trimestralmente por cada atividade frequentada (pouco mais de 20 euros, à volta de 120 reais por atividade por pessoa). Assim, a taxa permite a remuneração, também ela simbólica, de alguns líderes idosos de atividades e, sobretudo, a aquisição de materiais para desenvolver as atividades. Sobre este assunto, o entrevistado 3 afirmou que “as taxas permitiram a sustentabilidade financeira do programa e a estabilidade nas atividades implementadas”.

Todavia, as taxas de inscrição cobradas podem levar à exclusão de idosos economicamente desfavorecidos que desejem participar. Este é um desafio à participação equitativa de todos os interessados. Outros desafios, relacionam-se com a transição de atividades *online* durante a pandemia que levou à redução dos participantes. Desde então, o programa enfrenta o desafio de aumentar o número de atividades, o que envolve o recrutamento de novos líderes de atividades (estudantes e voluntários). Além disso, a possibilidade de manter algumas atividades *online* aumenta ainda mais a necessidade de tornar o programa financeiramente sustentável e a importância de conceber e adaptar adequadamente os objetivos educativos aos ambientes *online*.

Outros desafios remetem para o facto de não existirem percursos específicos para garantir a diversidade e a flexibilidade necessárias para facilitar o acesso ao ensino superior e a progressão no sistema para estes idosos. Além disso, não existe nenhum sistema para reconhecer e validar a aprendizagem anterior dos idosos (formal, não formal ou informal). Conforme argumentado pelo entrevistado 1, essas áreas merecem atenção especial, até porque se regista uma escassez se torna evidente na escassez de pesquisas sobre adultos idosos que frequentam programas como este (Sanceverino; Laffin, 2020).

Além disso, de modo a enfrentar os desafios do financiamento e da participação, o programa desenvolveu parcerias com outras faculdades da UFMG, e com outras instituições, por exemplo, do terceiro setor, e redes do ensino superior, públicas e privadas, sob a coordenação geral da Pró-Reitoria de Extensão. Por exemplo, as parcerias incluem a rede longevidade, o programa +Envelhecimento, que implementou atividades no mercado central de Belo Horizonte, a igreja Batista local, uma escola local que também possui atividades de educação não formal, e uma casa de repouso para idosos¹⁷. Estas parcerias promovem ligações com a comunidade local e ajudam a responder às necessidades dos idosos através de iniciativas sociais, culturais e comunitárias (Villas-Boas et al., 2015; Fisher, 2008).

¹⁵ Para mais informações, consultar <https://envelhecimentoativoufmg.com.br/atividades-para-bolsistas-e-voluntarios>

¹⁶ In <https://envelhecimentoativoufmg.com.br/atividades-para-bolsistas-e-voluntarios>

¹⁷ Para mais informações, consultar <https://envelhecimentoativoufmg.com.br/parcerias>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou responder à questão de investigação seguinte: como é que, no caso específico do Brasil, a UFMG procura responder às necessidades de educação permanente no quadro da extensão universitária? Como se discutiu, as instituições de ensino superior no Brasil têm vindo a desenvolver atividades de extensão dirigidas a idosos (Deus, 2020). Nesta linha de ideias, as atividades do Programa Envelhecimento Ativo da UFMG são realizadas através da combinação da educação não formal e formal. Centrando-se na saúde e no bem-estar, estas atividades proporcionam aos participantes com mais idade novas experiências de vida e promovem a troca de conhecimentos com líderes de atividades (mais jovens e com outros participantes idosos). Além disso, o envolvimento dos estudantes tradicionais e a consequente dinâmica intergeracional (Mannion, 2016) e recreativa (McNulty, 2020) criam novas oportunidades para a construção e partilha de conhecimento entre uma vasta gama de intervenientes geracionais (Freire, 1987, Formosa, 2017). O programa analisado pode-se constituir assim num exemplo significativo para muitas outras instituições no Brasil e na América Latina. Também é um caso relevante de superação do caráter restrito de bem-estar de muitos outros projetos que podem ser encontrados em diversas iniciativas no Brasil e que envolvem adultos idosos (Carbonari; Pereira, 2007). Desta forma, procura evitar – como Kalache et al. (2020) argumentam – que as pessoas envelheçam mal e precocemente no país.

O programa discutido aborda elementos em linha com a educação permanente (Melo et al., 2021) e, em paralelo, recorre a uma abordagem crítica da gerontologia educacional. Mais especificamente, o envolvimento dos adultos idosos na concepção e desenvolvimento do programa exemplifica a participação que permite a autogestão e a autonomia (Formosa, 2017). Além disso, a aquisição de conhecimento pode ajudar os adultos idosos a compreender melhor a sua condição social e política (Freire, 1987) e a utilizar esse conhecimento para transformar os seus contextos sociopolíticos.

Apesar da relevância e pertinência do programa estudado, no futuro será importante considerar os desafios em matéria de sustentabilidade financeira que são preocupantes, embora esses sejam desafios que ocorrem em muitos outros programas do género (Carbonari; Pereira, 2007). Estes são desafios que precisam de ser considerados pelos decisores políticos e pelas instituições de ensino superior. Além disso, a dimensão não formal do programa exige reflexão crítica, nomeadamente em termos dos benefícios educativos que os adultos idosos obtêm ao participarem nas atividades, tais como os conhecimentos e capacidades (físicas, psicológicas e sociais, entre outras) que os idosos podem ainda desenvolver. Assim, mais investigação sobre o programa poderia permitir o desenvolvimento de novos conhecimentos sobre o envelhecimento ativo e a educação permanente de idosos, assim como poderia favorecer a compreensão da relação entre aprendizagem e bem-estar na vida adulta (Formosa, 2017), incluindo os diálogos intergeracionais fundamentais numa sociedade mais inclusiva.

Contribuição de autoria

REFERÊNCIAS

Anica, A. & Sousa, C. (2020). *Envelhecimento ativo e educação*. Universidade do Algarve. https://www.researchgate.net/profile/Nidia-Braz-2/publication/346469648_O_desenvolvimento_de_competencias_dos_cuidadores_formais_O_caso_das_instituicoes_de_apoio_a_idosos_na_regiao_do_Algarve_In_A_Anica_C_de_Sousa_Eds_Envelhecimento_ativo_e_educacao_II_pp_87-100_Faro_Univ/links/5fc62e0f299bf1a422c7f577/O-desenvolvimento-de-competencias-dos-cuidadores-formais-O-caso-das-instituicoes-de-apoio-a-idosos-

na-regiao-do-Algarve-In-A-Anica-C-de-Sousa-Eds-Envelhecimento-ativo-e-educacao-II-pp-87-100-Faro-U.pdf

Barros, A., Alves, T., Luiz, M. & Souza, E. (2021). A educação no entardecer da vida. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, vol. 29, n° 113, 1115-1135. <https://doi.org/10.1590/S0104-403620210002902496>

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (70ª edição). Edições 70.

Bengston, V. L., Burgess, E. O. & Parrott, T. M. (1997). Theory, explanation, and a third generation of theoretical development in social gerontology. *Journal of Gerontology*, vol. 52B, n. ° 2, S72-S88. DOI: 10.1093/geronb/52b.2.s72

Brossoie, N. (2018). Chapter 2. Social gerontology. In R. H. Robnett, N. Brossoie e W. C. Chop, *Gerontology for the health care professionals* (pp. 19-51). Jones and Bartlett Publishers.

Cabeleira, H., Carvalho, C., & Madeira, A. (2020). Memórias do tempo futuro: Envelhecimento, intergeracionalidade e educação no centro de Portugal. In Z. Santiago, R. Manguiera, & J. C. Santos (Orgs.), *Universidade, comunidade e escola: Tecendo aprendizagens nos diálogos intergeracionais* (pp.134-173). Chapecó-SC: Livrologia. ISBN:978-65-86218-25-1. Carbonari, M. E. E. & Pereira, A. C. (2007). A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. *Revista de Educação*, vol. 10, n.º 10, 23-28.

https://moodle3.ifsc.edu.br/pluginfile.php/303611/mod_resource/content/4/Artigo%20-%20Carbonari%20e%20Pereira%2C%202007%20-%20A%20extens%20universit%20no%20Brasil.pdf

Cavaco, C. (2012). O lugar dos idosos nas políticas públicas em educação e formação de adultos em Portugal. *Trabalho & Educação*, v. 21, n.º 1, , 39-51. <http://hdl.handle.net/10451/32047>

Ceroni, D.C. (2011). *A educação de adultos maduros e idosos: aprendizagens escolares construídas e partilhadas no Grupo Revivendo a Vida*. [Dissertação de Mestrado] Universidade Federal de Rio Grande do Sul.

Cachioni, M. (2012). Universidade da Terceira idade: história e pesquisa. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(7), 01-08. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial14p1-8>

Coombs, P. H. (1970). The need for a new strategy of educational development. *Comparative Education Review*, v. 14, n.º 1, XX, <https://doi.org/10.1086/445453>

Coombs, P. H. & Ahmed, M. (1974). *Attacking rural poverty. How non-formal can help*. The Johns Hopkins University Press. <https://www.cabidigitallibrary.org/doi/full/10.5555/19741814287>

Cordeiro, F. (2011). Participação em atividades de educação não formal e qualidade de vida em adultos e idosos. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, vol. 10, 269-289

Costa, A. V. & Dias, M. F. S. (2025). Universidade em movimento: o papel da extensão universitária no envelhecimento ativo. *Revista Interdisciplinar*, v. 10(2), 1-15. DOI: 10.52641/cadcajv10i2.975

Deus, S. (2020). *Extensão universitária: trajetórias e desafios*. Ed. PRE-UFSM.

EAEA (2025). *Lifelong learning and active ageing for seniors*. <https://epale.ec.europa.eu/en/content/lifelong-learning-and-active-ageing-seniors>

Farinelli, M. R. R. & Soares, N. (2020). Envelhecer: um estudo de caso sobre as universidades da terceira idade no Brasil e Portugal. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, vol. 1, 633-647. <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/4702/pdf>

Fernández-Ballesteros, R., Sánchez-Izquierdo, M., & Santacreu, M. (2021). Active aging and quality of life. In Rojo-Pérez, F. & Fernández-Mayoralas, G. (eds), *Handbook of active ageing and quality of life. International handbooks of quality-of-life*. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-58031-5_2

Fischer, T. (2008). *Intergenerational Learning in Europe – Policies, Programmes & Practical Guidance - Final Report*. EAGLE Consortium. Erlangen: Institute for Innovation in Learning (FIM-NewLearning). <http://www.menon.org/wp-content/uploads/2012/11/final-report.pdf>

- Formosa, M. (2017). The travails of the university of the third age movement: a critical commentary. In G. Amoretti, D. Spulber and N. Varani (eds.), *Active ageing: From wisdom to lifelong learning* (pp. 146-160). Carocci editore.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (11ª edição). Paz e Terra.
- Foster, L. & Walker, A. (2021). Active Ageing across the Life Course: Towards a Comprehensive Approach to Prevention. *BioMed Research International*, <https://doi.org/10.1155/2021/6650414>.
- Garrido, R. & Menezes, P. (2002). O Brasil está envelhecendo: boas e más notícias por uma perspectiva epidemiológica. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24, 3-6. <https://www.scielo.br/j/rbp/a/TtVz9fzptrngdSHpP9tXxXg/?format=pdf&lang=pt>
- Haddad, S. & Di Pierro, M. C. (2015). Transformações nas políticas de educação de jovens e adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. *Cadernos Cedes*, vol. 35, n.º 96, 197-217. <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/q4xPMXVTQvQSYrPz9qQBCgN/?format=pdf&lang=pt>
- Hooyman, N. R. & Kiyak, H. A. (2008). *Social gerontology: A multidisciplinary perspective*. Pearson.
- Kalache, A., Silva, A., Giacomini, K. C., Lima, K. C., Ramos, L. R., Louvison, M & Veras, R (2020). Ageing and inequalities: social protection policies for older adults resulting from the covid-19 pandemic in Brazil. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 23(6), 1-3. <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/pQvWz8j4JZx8B7PL984MHRQ/?format=pdf&lang=pt>
- Katz, S. & Calasanti, T. (2014). Critical perspectives on successful aging: Does it “appeal more than it illuminates”? *The Gerontologist*, 18:55, 26-33. doi: [10.1093/geront/gnu027](https://doi.org/10.1093/geront/gnu027)
- Lassen, A. J. & Moreira, T. (2014). Unmaking old age: Political and cognitive formats of active ageing. *Journal of Aging Studies*, V. 30, 33-46. DOI: [10.1016/j.jaging.2014.03.004](https://doi.org/10.1016/j.jaging.2014.03.004)
- Melo, A.; Lima, L. C. & Guimarães, P. (2021). A A@tualidade da Educação Permanente. Espaço ulmeiro/APCEP.
- Maio, E. & Lolli, M. C. (2015). Educação permanente, não formal, como instrumento para a valorização e o reconhecimento do idoso: o modelo da Unati. *Ensino em Re-Vista*, vol. 22, n.º 2, 401-410. <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/34602/18348>
- Mannion, G. (2016). Intergenerational education and learning: we are in a new place. In S. Punch e R. M. Vanderbeck (eds.), *Families, intergenerationality and peer group* (pp. 1-21). Springer Science+Business Media Singapore.
- Martins, V. F. & Gonçalves, A. K. (2018). O trabalho com o idoso: organização didático-pedagógica dos projetos de extensão universitária do curso de Educação Física. *Revista Kairós - Gerontologia*, 21(1), 293-315. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/39725/26893>
- McNulty, B. (2020) Culture as animator of intergenerational gathering places. In M. Kaplan, L. Thang, M. Sanchez and J. Hoffman, J. (eds), *Intergenerational contact zones: Place-based strategies for promoting social inclusion and belonging*. Routledge.
- Narushima, M., Liu, J. & Diestelkamp, N. (2013). Motivations and perceived benefits of older learners in a public continuing education program: Influence of gender, income, and health. *Educational Gerontology*, 39:8, 569-584. DOI: [10.1080/03601277.2012.704223](https://doi.org/10.1080/03601277.2012.704223)
- Nunes, A. M. (2017). Envelhecimento ativo em Portugal: desafios e oportunidades na saúde. *Revista Kairós - Gerontologia*, 20(4), 49-71. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/36132/24842>
- Oliveira, L. L., Sarraipo, M. A., Raymundo, R. S., Leao, M., Castro, M. A. & Pacheco, M. M. (2016). A presença do idoso no ensino superior brasileiro e os rumos dos modelos de ensino-aprendizagem. *Revista Perspectivas do Desenvolvimento: Um Enfoque Multidimensional*, vol. 04, n.º 5, 1-20. <https://periodicos.unb.br/index.php/perspectivasdodesenvolvimento/article/view/18847/17516>

- OMS (2015). *Relatório mundial de envelhecimento e saúde*. OMS. <https://iris.who.int/server/api/core/bitstreams/75f41a4e-3c88-420f-b51e-485f6c01d765/content>
- Ramos, M. (2021). *Avaliação nutricional de idosos praticantes de atividade física regular* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Ribeiro, O. (2012). O envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Número temático: Envelhecimento demográfico*, 33-52. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10580.pdf>
- Rios-Neto, E. & Guimarães, R. (2010). The demography of education in Brazil: inequality of educational opportunities based on Grade Progression Probability (1986-2008). *Vienna Yearbook of Population Research*, Vol. 8, 283-306. <https://www.jstor.org/stable/pdf/23025518.pdf>
- Sanceverino, A. R. & Laffin, M. H. (2020). *As pesquisas em educação de pessoas jovens e adultas no e do Estado de Rio Grande do Sul*. Editora CRV.
- Szekely, R. (2017). *Intergenerational learning - Results from the European Network for Intergenerational Learning*, ENIL. EPALÉ [Website]. <https://epale.ec.europa.eu/en/blog/intergenerational-learning-results-european-network-intergenerational-learning-enil>
- UNESCO (2021). *Embracing a culture of lifelong learning: older learning and active ageing. Bridging self-actualisation and emancipation*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377822>
- Comissão Europeia (2018). *Active Ageing Index*. <https://composite-indicators.jrc.ec.europa.eu/explorer/indices/aa/active-ageing-index>
- Villas-boas, S.; Oliveira, A.; Ramos, N. & Montero, I. (2015). Elaboração de Programas intergeracionais: o desenho do perfil comunitário. *Educação, Sociedade & Culturas*, 44: 31-47.
- Yin R. K. (2018). *Case study research: Design and methods* (6ª edição). Sage.

Websites visitados

- AARP International (2019). *Brasil*. <https://www.aarpinternational.org/initiatives/aging-readiness-competitiveness-arc/brazil>
- Agência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Agência IBGE) (2018). *Notícias*. Analfabetismo cai em 2017, mas segue acima da meta para 2015. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)(2022). *População do Brasil*. https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php
- Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais (LDEP)(2020). Envelhecimento populacional continua e não há perigo de geronticídio. Artigo de José Eustáquio Diniz Alves. <https://www.ufjf.br/ladem/2020/06/21/envelhecimento-populacional-continua-e-nao-ha-perigo-de-um-geronticidio-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>
- Universidade Federal de Minas Gerais (2022). *UFMG em números*. <https://ufmg.br/a-universidade/apresentacao/ufmg-em-numeros>
- World Health Organisation (WHO) (2023a). *Ageing*. https://www.who.int/health-topics/ageing#tab=tab_1
- World Health Organisation (WHO) (2023b). *Global strategy and action plan on ageing and health*. <https://www.who.int/publications/i/item/9789241513500>

Submetido: XX/XX/XXXX

Aprovado: XX/XX/XXXX

Editor(a) de seção:

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Formulário de Conformidade com a Ciência Aberta - SciELO em anexo.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Autor 1 – Coordenadora do projeto, participação ativa na recolha e análise dos dados e revisão da escrita final.

Autor 2 – Análise dos dados e escrita do texto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

DECLARAÇÃO DE DADOS DE PESQUISA

Os dados da pesquisa que originaram o artigo foram produzidos no âmbito de um estudo solicitado pela UNESCO à primeira autora. O projeto intitula-se *Universities Addressing the Learning Needs of Ageing Societies* e foi desenvolvido em diversos países nos quais foram selecionados programas de educação não formal de envelhecimento ativo no seio de instituições de ensino superior. No caso do Brasil, a UFMG foi a selecionada. Este artigo resulta do projeto indicado e acrescenta reflexão crítica acerca das atividades desenvolvidas pelo projeto selecionado, com o contributo da segunda autora. Os dados recolhidos estão contidos no próprio manuscrito.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.